

---

## TRADUÇÃO E LINGUÍSTICA DE *CORPUS*: O JOGO DE PALAVRAS 'HOMEM/HOLMES/HOME'

### TRANSLATION AND *CORPUS* LINGUISTICS: THE PUN 'HOMEM/HOLMES/HOME'

Nilson Roberto Barros da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** *Este trabalho discute a tradução de jogos de palavras (JP) na direção português-inglês (versão), mais especificamente o jogo de palavras intitulado 'Homem/Holmes/home', que faz parte do romance 'O xangô de Baker Street' (SOARES, 1995). O artigo é o recorte de uma investigação mais ampla, nossa tese de doutorado, e tem como objetivo analisar a tradução do jogo de palavras citado para a língua inglesa. Utiliza a abordagem teórico-metodológica da Linguística de Corpus para selecionar o jogo de palavras como dado a ser analisado na pesquisa e se identifica como um estudo direcionado pelo corpus (TOGNINI-BONELLI, 2001). A análise se baseia nas estratégias de tradução de jogos de palavras apresentadas por Delabastita (1996). Os resultados demonstram que as estratégias de tradução usadas para recriar (traduzir) o jogo de palavras em inglês são compatíveis com a estratégia JP → JP, em que um jogo de palavras é traduzido por outro na língua de chegada, sendo permitidas diferenças em termos de estrutura formal, estrutura semântica, ou função textual.*

**Palavras-chave:** *Tradução; Jogos de palavras; Linguística de Corpus.*

**Abstract:** *This study discusses the translation of puns in the Portuguese-English direction, more specifically the pun 'Homem'/Holmes/home', which is part of the novel 'O xangô de Baker Street' (SOARES, 1995), translated into English as 'A samba for Sherlock'. The article derives from a broader investigation, our doctoral dissertation, and aims to analyze the translation of the pun into the English language. It uses the theoretical-methodological approach of Corpus Linguistics to select puns as data to be analyzed and it is characterized as a 'corpus-driven approach' (TOGNINI-BONELLI, 2001). The analysis is based on the strategies of pun translation presented by Delabastita (1996). The results show that the translation strategies used to recreate the pun in English are compatible with the PUN → PUN strategy, in which a pun is translated by another one in the target language, being allowed differences in terms of formal structure, semantic structure, or textual function.*

**Keywords:** *Translation; Puns; Corpus Linguistics.*

## 1 Introdução

Esta pesquisa parte da constatação de que há uma quantidade pouco expressiva de estudos envolvendo a análise da tradução de jogos de palavras (JP), especialmente na direção português-inglês (versão). Por essa razão, considerando a quantidade significativa de JPs no romance *O xangô de Baker Street* (SOARES, 1995), o artigo tem como objetivo geral analisar o tratamento dado ao JP *Homem/Holmes/home* pelo tradutor do romance para a língua inglesa, e o faz com o auxílio do aparato teórico-metodológico da Linguística de *Corpus*.

Um aspecto importante dos JPs é que esse tipo de texto normalmente envolve humor (CHIARO, 1992), e, possivelmente em razão disso, pode ser observado em situações diversas

---

<sup>1</sup> Docente do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Central. Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Mossoró, Brasil, e-mail: [nilsonbarros@uern.br](mailto:nilsonbarros@uern.br).

de comunicação, como em conversas informais, palestras, exposições em salas de aula; jornais e revistas, entre outros. Trata-se, portanto, de um tipo de texto presente no cotidiano das pessoas e, sendo uma manifestação da língua, não poderia passar despercebida dos estudos linguísticos.

Beckett (1957, *apud* DELABASTITA, 1996, p. 127) faz um gracejo envolvendo a questão dos JPs com uma passagem bíblica do Gênesis (Antigo Testamento): “no princípio havia o jogo de palavras”<sup>2</sup>. Ao comentar a citação, Delabastita (1996) propõe que os JPs são inerentes à própria linguagem e, portanto, “naturais à mente humana”<sup>3</sup>, o que sugere que os JPs se vinculam à estrutura das línguas.

Se a proposição de Delabastita (1996) está correta, e se de fato os JPs representam a manifestação linguística de um fenômeno que diz respeito ao processamento da linguagem humana, então, o fato em si é motivo para que esse tipo de texto tenha um lugar nos estudos linguísticos.

O autor vai além e propõe uma reflexão acerca dos JPs e de sua tradução para outras línguas, tema central a esta pesquisa. A questão posta por Delabastita (1996) é: se, de fato, os efeitos e os sentidos nos JPs relacionam-se diretamente à estrutura da língua em que são produzidos, então, como fazer para que esses efeitos e sentidos funcionem em outra língua?

É sobre essa questão que este trabalho pretende refletir, pois, embora já se tenham passado 26 anos da afirmação de Chiaro (1992, p. 2) de que “[...] são poucos os estudos que consideram JPs em contraste com outras línguas”<sup>4</sup>, a realidade atual não apresenta mudanças significativas.

Portanto, com vistas a atingir seu objetivo principal, que é analisar o tratamento dado pelo tradutor ao JP *Homem/Holmes/home*, presente no romance *O xangô de Baker Street*, o estudo apresenta um objetivo específico, qual seja, verificar se as estratégias empregadas na tradução do JP recriam seus efeitos e sentidos na língua-alvo. Esse objetivo baseia-se na hipótese de que não é possível garantir, em todos os casos de tradução de JPs, que os seus efeitos e sentidos funcionem igualmente na língua-alvo.

## 2 A tradução de jogos de palavras

Este trabalho adota a definição de jogo de palavras (JP) apresentada por Delabastita (1996), para quem, de modo geral, JPs são fenômenos textuais em que características

---

<sup>2</sup> São de nossa autoria todas as traduções neste artigo, salvo quando especificado. No original: “[...] *in the beginning was the pun [...]*”.

<sup>3</sup> No original: “[...] *natural to the human mind*”.

<sup>4</sup> No original: “[...] *few studies have been carried out which consider word play in contrast across languages*”.

estruturais das línguas são exploradas com o objetivo de gerar um confronto comunicativo de estruturas linguísticas com formas mais ou menos semelhantes e sentidos mais ou menos diferentes.

Ao discutir a tradução de JPs, Delabastita (1996) traz à tona uma questão central a esta pesquisa: a própria traduzibilidade dos JPs. Além disso, discute aspectos teóricos subjacentes à tradução de JPs e à tradução de qualquer tipo de texto, como a proposição de que a ideia de traduzibilidade está sempre atrelada à visão de tradução de cada indivíduo. É o que se verifica na citação a seguir:

Na verdade, há muito mais em questão do que a simples pergunta: *jogos de palavras são traduzíveis?* Para começar, qualquer resposta a essa questão tende a ser teoricamente tendenciosa na medida em que vai depender do tipo de tradução que se tem em mente (em termos de tipos e graus de equivalência, bem como de gêneros e situações comunicativas), mas também da própria posição do falante em face à atividade de tradução (se a pessoa está falando como um professor de tradução, como um tradutor profissional, um crítico, um teórico, um historiador, um filósofo da linguagem)<sup>5</sup> (DELABASTITA, 1996, p. 127, grifo do autor).

A tradução de JPs, assim como a tradução de enunciados humorísticos em geral, nas suas mais diversas formas de manifestação, tem sido objeto de debates (às vezes de controvérsias) tanto no âmbito dos Estudos de Tradução quanto fora dele.

Nessas circunstâncias, ressalta-se a pertinência da discussão apresentada por Delabastita (1996), na citação acima. Não se trata de uma simples questão de possibilidade ou impossibilidade de traduzir. Como afirma o autor, há bem mais em jogo. Os resultados, as estratégias e a própria realização, não apenas da tradução de JPs, mas também de poesia ou de humor em geral, entre outros, encontram-se intimamente relacionados àquilo que se julga ser ‘tradução’.

É tendenciosa qualquer afirmação acerca da traduzibilidade de JPs, assim como é tendenciosa qualquer afirmação acerca da traduzibilidade de outros tipos de textos, inclusive daqueles que, aparentemente, não apresentam grandes desafios ao tradutor, como a maioria dos textos jornalísticos, cartas etc. Isso porque a tradução ocorre na língua, e essa não é um objeto de contornos bem definidos, como assinala Arrojo (2002).

---

<sup>5</sup> No original: “*There is indeed a lot more at stake than just the question is **wordplay** translatable? For a start, any answer that this question may prompt is bound to be theoretically biased insofar as it will depend on the type of translation one has in mind (in terms of kinds and degrees of equivalence, as well as of genres and communicative situations), but also on the speaker’s own position vis-à-vis the actual business of translation (whether one is speaking as a teacher of translation, as a practitioner, a critic, a theorist, a historian, a philosopher of language)*”.

Para estudiosos como Katharina Reiss e Hans Vermeer (1996), a tradução de qualquer tipo de texto, inclusive de JPs, se baseia na função que desempenhará o texto traduzido. De modo geral, a ideia é que o texto traduzido funcione tão bem quanto o texto ‘original’. Para esses autores, questões como a transferência *vs.* reconstrução dos sentidos, ou fidelidade *vs.* liberdade encontram-se em segundo plano.

A propósito de tradução e de JP, Redfern (1997, p. 264) postula que a atividade de tradução em si, independentemente do tipo de texto, envolve o “lidar com jogos de palavras”<sup>6</sup>. Implica (por parte do tradutor) ter o que chama de *punning mind*, isto é, uma mente que seja aberta a grande número de associações e que as realize de forma rápida.

Para Toury (1997), que discute a questão da traduzibilidade de *spoonerismos*, em primeiro lugar, e de JPs, por extensão, traduzibilidade se relaciona principalmente a questões de aceitabilidade. Ou seja, o *status* do gênero textual na comunidade cultural onde está inserido é decisivo para que seja aceito como texto, traduzido ou não. Por outro lado, ressalta que a noção de traduzibilidade de textos em geral tem sido tratada como uma ideia de gradação. Em outras palavras, tradução e traduzibilidade não são aspectos estanques que simplesmente se realizam ou não, mas que se realizam até certo ponto.

Este trabalho se baseia no quadro de estratégias de tradução de JPs apresentado por Delabastita (1996), para quem oito estratégias se encontram à disposição do tradutor de JPs, conforme modelo a seguir.

1. **JP → JP**: o JP do texto-fonte é traduzido por um JP da língua-alvo, que pode diferir do JP original, em termos de estrutura formal, estrutura semântica, ou função textual, como, por exemplo, o JP abaixo <sup>7</sup>, construído com base no duplo sentido da palavra ‘comer’:

PO	Quando ela está para atravessar os portões do quartel, o sargento grita do meio do pátio: - Agora, que ele é comunista, é, ou não estaria preso. Aqui se faz, aqui se paga, é ou não é? Cuidado, hein, tia! Eu não sei se, além de criancinhas, os comunistas também não comem viúvas. Maria Eugênia jamais conseguiu descobrir se havia ou não um duplo sentido nas palavras de Olegário.
IT	<i>As she is about to go through the barracks gate, the sergeant shouts from the middle of the courtyard: ‘But he is a commie, or he wouldn’t be in prison. We reap what we sow. Am I right or am I right? Be careful, aunt. I don’t know if besides babies the communists eat widows too.’</i> <i>Maria Eugênia never managed to discover whether or not Olegário’s words had a double meaning.</i>

<sup>6</sup> No original: “[...] coping with puns, [...]”.

<sup>7</sup> Os JPs que ilustram as estratégias de tradução 1. **JP → JP**; 2. **JP → não JP**; 3. **JP → RRR (Recurso Retórico Relacionado)**; e 5. **JP TF = JP TT** são extraídos do livro ‘O homem que matou Getúlio Vargas – biografia de um anarquista’ (SOARES, 1998) e sua tradução para o inglês, ‘*Twelve fingers – biography of an anarchist*’ (SOARES, 2001), por Clifford E. Landers.

2. **JP** → **não JP**: o JP é traduzido por uma frase em que não há JP. A frase pode preservar seus dois sentidos, mas em um texto em que não há JP, ou selecionar um dos sentidos em detrimento do outro. Pode também ocorrer que ambos os componentes do JP sejam traduzidos de forma completamente diferente do original. Um exemplo desse tipo de estratégia é:

PO	- [...] O homem que estou buscando tem quatro indicadores. A informação supera a capacidade de entendimento de Olegário. - Como assim? Esse sujeito conhece quatro informantes da polícia? - Nada disso. Ele tem um indicador extra em cada mão.
IT	- [...] <i>The man I'm looking for has twelve fingers.</i> <i>This information surpasses Olegário's capacity to assimilate it.</i> - <i>Huh? The guy's in charge of a dozen police informers?</i> - <i>Not at all. He has an extra forefinger on each hand.</i>

3. **JP** → **RRR (Recurso Retórico Relacionado)**: o JP é substituído por um recurso retórico a ele relacionado, como repetição, aliteração, rima, referências diversas, ironia, paradoxo etc., que tem como objetivo recapturar o efeito do JP do texto-fonte. A tradução do enunciado abaixo reflete esse tipo de estratégia:

PO	Um vulto voa em volta da viga <sup>8</sup> .
IT	<i>A mass moves over the mast.</i>

4. **JP** → **zero**: o trecho que contém o JP é simplesmente omitido no texto traduzido.

PO	Quem dá sopa pra malandro é cozinheira de cadeia. <sup>9</sup>
IT	_____

5. **JP TF = JP TT**: o tradutor reproduz o JP do texto-fonte e, na medida do possível, seu contexto imediato, na forma original, sem, de fato, traduzi-lo. Em outras palavras, o JP original é transcrito no texto traduzido, conforme procedimento observado no JP abaixo:

PO	Consta que uma edição italiana do <i>Kama-Sutra</i> , recolhida imediatamente de circulação, dedica um capítulo aos prazeres conseguidos por um homem com dois indicadores adicionais conhecido pela alcunha de <i>Il Manusturbatore</i> .
IT	<i>It is documented that an Italian edition of the Kama Sutra, immediately withdrawn from circulation, dedicates a chapter to the pleasure that is attained by a man with two extra forefingers, known by the nickname Il Manusturbatore.</i>

<sup>8</sup> O exemplo não atende à definição de JP apresentada por Delabastita (1996), em que um JP põe em paralelo estruturas linguísticas com formas semelhantes e sentidos diferentes, adotada neste trabalho. Contudo, a estratégia de tradução utilizada reflete o procedimento tradutório apresentado pelo autor.

<sup>9</sup> Extraído de <http://www.osvigaristas.com.br/frases/trocadilhos/> Postado por Ricardo. Acesso em: 19 de fevereiro de 2015.

6. **Não JP → JP**: o tradutor insere um JP em partes do texto em que não há JP no original. Esse procedimento ocorre principalmente como forma de compensação, cujo objetivo é contrabalançar a perda de JPs no texto traduzido.

Segue um exemplo da estratégia ‘compensação’:

IO	<p><i>HIT THE BARS AFTER WORK.</i></p> <p><i>Happy hour is happier when the recreation you choose is good for both body and mind. That's why more and more people are devoting that time to biking, walking or working out. It can improve your outlook, increase your energy and decrease your risk of heart disease. And it's guaranteed not to cause a morning hangover. To learn more, visit our web site at <a href="http://www.americanheart.org">www.americanheart.org</a> or call 1-800-AHA-USA1.</i></p> <p><i>American Heart Association Fighting Heart Disease and Stroke</i></p>
PT	<p>DEPOIS DO TRABALHO FAÇA UM BRINDE À SAÚDE<sup>10</sup></p> <p>Seu fim de tarde fica mais gostoso quando a atividade que você escolhe faz bem tanto para o corpo quanto para a mente. É por isso que mais e mais pessoas estão optando por andar de bicicleta, caminhar ou malhar, <i>em vez de praticar levantamento de copo</i>. São escolhas que podem melhorar seu visual, aumentar sua energia e diminuir o risco que você corre de ter problemas cardíacos. Tudo isso com a vantagem de não causar ressaca na manhã seguinte. Para maiores informações, visite a nossa página no endereço <a href="http://www.americanheart.org">www.americanheart.org</a> ou ligue para 1-800-AHA-USA1.</p> <p>American Heart Association Combatendo as doenças coronárias e o derrame cerebral.</p>

7. **Zero → JP**: o tradutor adiciona material textual totalmente novo contendo JP, sem justificativa aparente no texto-fonte. A estratégia é utilizada especialmente como um recurso compensatório.

IO	<p><i>The sun holds such bright promise as a clean, renewable energy source. And yet for years, it remained out of reach. Clean, yet too expensive.</i></p>
PT	<p>O sol abriga uma promessa radiante como fonte de energia limpa e renovável que, no entanto, continua fora de alcance. Uma fonte de energia limpa, mas ainda muito cara.</p> <p>Fontes de energia não renováveis, como o petróleo, por exemplo, têm ‘prazo de validade’ e vão se esgotar mais cedo ou mais tarde, por isso, é necessário encontrar meios de tornar a energia do sol uma alternativa viável. Energia para o futuro: eis a SOLução!<sup>11</sup></p>

<sup>10</sup> O exemplo é uma adaptação da proposta de tradução do texto *Hit the bars after work*, utilizado por Adriana Pagano, no livro ‘Traduzir com autonomia’ (ALVES, MAGALHÃES e PAGANO, 2003). Decidimos adaptar a tradução do texto oferecida pela autora, em virtude da dificuldade de encontrar exemplos desse tipo de estratégia.

<sup>11</sup> Este trecho também foi adaptado por nós, em virtude da dificuldade de encontrar na literatura exemplos desse tipo de estratégia de tradução. O trecho original foi extraído de Alves, Magalhães e Pagano (2003).

8. **Técnicas Editoriais**: notas de rodapé ou de fim de documento, comentários em prefácios e posfácios, notas do tradutor, apresentação de soluções diferentes e/ou complementares para o mesmo problema do texto-fonte etc.

Embora as técnicas editoriais sejam apresentadas por Delabastita (1996) como estratégias de tradução, na verdade são usadas principalmente para comunicar fatos acerca do processo e do resultado da tradução.

Das estratégias apresentadas, as cinco primeiras descrevem procedimentos tradutórios a partir de JPs (por exemplo, JPs previamente identificados em texto (s) original (ais)). São elas: 1) **JP** → **JP**; 2) **JP** → **não JP**; 3) **JP** → **RRR (Recurso Retórico Relacionado)**; 4) **JP** → **zero** e 5) **JP TF = JP TT**. Por outro lado, as três últimas estratégias não partem de JPs propriamente, mas da ausência desses em determinado trecho do texto original, em contraste com o texto traduzido. São elas: 6) **Não JP** → **JP**; 7) **Zero** → **JP** e 8) **Técnicas Editoriais**.

A pesquisa da qual resulta este artigo, por sua vez, parte da análise de JPs que foram identificados por meio da exploração de linhas de concordância geradas a partir de itens da lista de palavras-chave do *corpus* de estudo em português, o romance *O xangô de Baker Street* (SOARES, 1995). Portanto, em função da metodologia aplicada, a pesquisa parte da análise de JPs (previamente identificados), e não da ausência deles no texto original. Por essa razão, as cinco primeiras estratégias apresentadas por Delabastita (1996) se aplicam à investigação enquanto as três últimas não, já que não partem de JPs, mas de situações relacionadas à sua ausência no texto original. Contudo, apresentou-se o quadro completo de estratégias de tradução de JPs por Delabastita (1996), com o intuito de propiciar a visão geral da proposta do autor.

### 3 Linguística de *Corpus* e tradução

Bowker e Pearson (2002, p. 9) definem a Linguística de *Corpus* (LC) como

[...] uma abordagem ou metodologia para o estudo do uso da língua. Trata-se de uma abordagem empírica que envolve o estudo de exemplos do que as pessoas de fato dizem, em vez de criar hipóteses sobre o que elas poderiam ou deveriam dizer. A Linguística de *Corpus* também faz uso extensivo da tecnologia computacional, o que significa que os dados podem ser manipulados de uma forma que seria simplesmente impossível quando se lida com material impresso<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> No original: “An approach or a methodology for studying language use. It is an empirical approach that involves studying examples of what people have actually said, rather than hypothesizing about what they might or should say. [...] Corpus Linguistics also makes extensive use of computer technology, which means that data can be manipulated in ways that are simply not possible when dealing with printed matter”.

Um aspecto central da Linguística de *Corpus* (LC) diz respeito à própria noção de *corpus* (VIANA, 2010). Ao afirmar que “havia *corpora* antes do computador”, Berber Sardinha (2004, p. 3) se refere ao fato de que a palavra latina *corpus* (plural *corpora*) designa um ‘corpo’ ou conjunto de documentos como, por exemplo, uma coletânea de textos jornalísticos, de frases engraçadas, de citações da bíblia, e assim por diante (Cf. também ZANETTIN, 2012). Nessa perspectiva, as pesquisas linguísticas que envolviam ou envolvem a análise desses materiais, ou outros do tipo, podem ser consideradas como sendo baseadas em *corpus*. Para Tognini-Bonelli (2012, p. 14), a Linguística histórica ou diacrônica “sempre foi baseada em *corpus*”<sup>13</sup>, uma vez que as principais evidências da evolução da língua são perceptíveis a partir da comparação entre si de textos de diferentes épocas e localizações (Cf. também McCARTHY e O’KEEFFE, 2012).

Entretanto, com o surgimento, em 1964, do *Brown University Standard Corpus of Present-day American English*, o primeiro *corpus* eletrônico, e, mais tarde, com a popularização dos microcomputadores, a partir da década de 1980 (ZANETTIN, 2012; BERBER SARDINHA, 2004), a ideia de *corpus* linguístico em formato eletrônico ganha força e auxilia no desenvolvimento da LC como abordagem de pesquisa linguística. Pode-se afirmar que a LC, como se conhece hoje, nasce e se desenvolve juntamente com a noção de *corpus* computadorizado.

Por essa razão, se, para as mais diversas áreas que se dedicam à pesquisa linguística, a palavra *corpus* representa um conjunto de dados em geral, para a LC um *corpus* existe “necessariamente em formato eletrônico” (TAGNIN, 2013, p. 29).

A partir da década de 1970, principalmente, e com o amadurecimento das discussões envolvendo os Estudos de Tradução e o seu conseqüente reconhecimento internacional (VENUTI, 2000) como disciplina independente, a tradução vem se firmando e ganhando espaço na academia.

Com os novos tempos, novos desafios se somam às questões tradicionais. Isso aponta para a tradução como uma área em pleno desenvolvimento, com questões ‘essenciais’ clássicas, e também questões atuais, a serem resolvidas com o auxílio de recursos materiais modernos e concepções teóricas novas.

Uma das questões que podem ser consideradas recentes nos Estudos de Tradução diz respeito à existência de características materiais do texto traduzido que são próprias desse tipo de texto. Ou seja, há evidências de que o texto traduzido apresenta características próprias, que o distinguem de textos originais, como, por exemplo, a ‘simplificação’ (BAKER, 1993).

---

<sup>13</sup> No original: “[...] *historical linguistics has always been corpus-based* [...]”.



Segundo essa ideia, o texto traduzido tende a ser mais simples que o original, apresentando sentenças mais curtas e linguagem menos variada do ponto de vista lexical, como forma de facilitação da leitura.

A investigação linguística como um todo tem registrado ganhos inequívocos com o desenvolvimento da LC, que propiciou à área dos Estudos de Tradução um ferramental novo e abordagens também novas para os estudos da linguagem. É acerca da contribuição da LC aos Estudos de Tradução que se discute a partir deste ponto.

Se já havia *corpus* antes do computador (BERBER SARDINHA, 2004), conforme apontado anteriormente, também já havia *corpus* paralelo, ou seja, aquele que consiste de um conjunto de textos em uma língua e suas respectivas traduções em uma ou mais línguas (KENNING, 2012). Portanto, o uso de *corpus* (no sentido amplo de coleção de material para pesquisa) entre os tradutores não é novidade. Kübler e Aston (2012, p. 502), por exemplo, afirmam que existe entre esses profissionais “uma longa tradição do uso de ‘textos paralelos’ [...]”<sup>14</sup>.

É importante ressaltar que, embora os autores se refiram a ‘textos paralelos’, na verdade estão falando de textos ‘comparáveis’, já que, segundo os próprios autores, essas coletâneas são “textos semelhantes, em domínio e/ou gênero ao texto-fonte e/ou texto-alvo” (KÜBLER E ASTON, 2012, p. 502)<sup>15</sup>.

Observa-se, no entanto, que a consulta a essas coletâneas de textos (antes do surgimento dos computadores e, portanto, em formato não eletrônico) demandava tempo e um grande volume de trabalho por parte do tradutor. Esse trabalho era ainda maior no caso de consultas aos textos comparáveis, com a finalidade de extrair informações relevantes à tradução, como, por exemplo, o levantamento de termos típicos de um domínio para a confecção de glossário a ser usado em um trabalho de tradução. Desse modo, uma das vantagens da utilização de *corpora* eletrônicos na tradução é justamente a possibilidade da consulta rápida e eficaz a uma grande quantidade de textos, com o auxílio de ferramentas computacionais desenvolvidas especialmente para esse fim.

Sem desprezar a utilidade de outros recursos para a tradução, como os dicionários, enciclopédias, as próprias ferramentas de busca disponíveis na *internet* etc., Kübler e Aston (2012, p. 503) enfatizam a relevância do uso de *corpus*. Sugerem que os *corpora* eletrônicos

---

<sup>14</sup>No original: “[...] a long tradition of using ‘parallel texts’ [...]”.

<sup>15</sup>No original: “[...] collections of texts similar in domain and/or genre to the source and/or target text [...]”.

“permitem ao tradutor a aquisição e aplicação de habilidades centrais a sua atividade: as de interpretar e avaliar textos”<sup>16</sup>.

Com a popularização dos microcomputadores e o desenvolvimento de ferramentas computacionais criadas especialmente para a exploração de *corpora* eletrônicos, os Estudos de Tradução passaram a contar com um novo paradigma de pesquisa, os estudos de tradução baseados em *corpus*. Para Tymoczko (1998), os estudos de tradução baseados em *corpus* (*corpus translation studies* - CTS) promovem mudanças qualitativas e quantitativas tanto nos conteúdos quanto nos métodos da disciplina Estudos de Tradução. Uma das pioneiras a vincular a LC aos Estudos de Tradução foi Mona Baker, em seu trabalho *Corpus Linguistics and translation studies: implications and applications* (BAKER, 1993).

Pesquisas realizadas no domínio dos estudos de tradução baseados em *corpus* estendem-se pelos mais diversos campos de atuação da linguística e da literatura. Entretanto, como não se pretende traçar um panorama do estado da arte dos estudos de tradução baseados em *corpus*, chama-se a atenção apenas para os estudos que mais se aproximam dos objetivos desta pesquisa, como os trabalhos envolvendo convencionalidade, criatividade e idiossincrasias na linguagem: *O jeito que a gente diz* (TAGNIN, 2013); *Arriving at equivalence. Making a case for comparable corpora in Translation studies* (PHILIP, 2009); *Lexis and Creativity in Translation – a Corpus-based Study* (KENNY, 2001); *Conventionality, Creativity and Translated Text: The Implications of electronic Corpora in Translation* (STEWART, 2000).

Não foram identificados trabalhos baseados em *corpora* com foco principal na tradução de JPs, entretanto, dentre os trabalhos envolvendo convencionalidade, criatividade e idiossincrasias na linguagem, o trabalho de Kenny (2001), no capítulo 6, *Lonely words – Creative Hapax Legomena and Writer-Specific Form*, discute também a tradução de JPs. Ou seja, ao discutir a tradução de linguagem criativa, “formas criativas de palavras existentes ou a criação de palavras novas”<sup>17</sup> (KENNY, 2001, p. 142), a autora identifica e discute JPs utilizando, inclusive, a definição de Delabastita (1996), que é adotada também nesta pesquisa. Este trabalho, por sua vez, distingue-se do estudo de Kenny (2001) - e dos demais apresentados acima - por ter a tradução de JPs como foco principal. Além disso, analisa a tradução de JPs na direção português-inglês, enquanto a investigação de Kenny (2001) ocorre na direção alemão-inglês.

---

<sup>16</sup> No original: “[...] allow translators to acquire and apply skills which are, after all central to their trade – ones of text interpretation and evaluation”.

<sup>17</sup> No original: “[...] creative presentations of existing words, or new coinages”.

#### 4 Metodologia

As pesquisas linguísticas que utilizam a Linguística de *Corpus* (LC) como abordagem ou metodologia se dividem em dois grandes grupos principais: são os chamados ‘estudos baseados em *corpus*’ (*corpus-based*) e os ‘estudos direcionados pelo *corpus*’ (*corpus-driven*). Tognini-Bonelli (2001) faz uma distinção bastante didática com o intuito de caracterizá-los. Para a autora, embora todas as pesquisas linguísticas que se baseiem em um *corpus* possam ser consideradas como ‘estudos baseados em *corpus*’, do ponto de vista metodológico ela propõe a seguinte divisão: ‘estudos baseados em *corpus*’ (*corpus-based*) são aqueles em que o pesquisador utiliza o *corpus* com o objetivo principal de testar e explicar suas hipóteses. Já no ‘estudo direcionado pelo *corpus*’ (*corpus-driven*), o pesquisador não parte, necessariamente, de hipóteses previamente formuladas. É a observação dos dados que deve propiciar evidências para a sua formulação (Cf. BAKER, HARDIE e McENERY, 2006).

Embora essa não seja uma divisão consensual entre os estudiosos da área e se admita a pertinência da afirmação de McEnery e Hardie (2012, p. 150), para quem “essa distinção, na prática é um pouco mais fluida”<sup>18</sup>, a pesquisa da qual este artigo é um recorte adota a classificação de Tognini-Bonelli (2001) e se identifica principalmente como um ‘estudo direcionado pelo *corpus*’. Isso por considerar que os dados analisados não foram escolhidos previamente, ou seja, antes da elaboração do *corpus*, mas foram selecionados a partir de padrões evidenciados pelo próprio *corpus*.

Para se chegar à análise de jogos de palavras do romance *O xangô de Baker Street* (SOARES, 1995), realizou-se a exploração da lista de palavras-chave do *corpus*, bem como a análise de linhas de concordância geradas a partir das palavras-chave. Assim, observou-se que nas linhas de concordância geradas usando-se como nóculo as dez palavras-chave mais frequentes do *corpus* havia a presença de JPs envolvendo nomes próprios, como ‘Holmes’, por exemplo. Desse modo, pensou-se, na fase inicial da pesquisa, em estudar os JPs que envolvessem nomes próprios. Entretanto, após análise de mais linhas de concordância, percebeu-se que a quantidade de JPs envolvendo nomes próprios no *corpus* não era expressiva, sendo assim, decidiu-se analisar todos os JPs do *corpus*, e não apenas aqueles que envolvem nomes próprios. E para este artigo, especificamente, em razão da limitação de espaço, decidiu-se analisar apenas um JP (*Homem/Holmes/home*), que foi escolhido, sobretudo, por ter sido elaborado envolvendo o nome do personagem principal do romance *O xangô de Baker Street*, Sherlock Holmes. A lista de palavras-chave e as linhas de

---

<sup>18</sup> No original: “[...] this distinction is slightly more fluid in practice [...]”.

concordância foram geradas com o auxílio da ferramenta computacional *WordSmith Tools 6.0* (SCOTT, 2012), especialmente desenvolvida para análise lexical no âmbito da Linguística de *Corpus*.

## 5 Análise da tradução do JP *Homem/Holmes/home*

Discutem-se, nesta parte do trabalho, as estratégias usadas na elaboração do JP original por Soares (1995), bem como as estratégias de tradução adotadas por Clifford Landers para reconstruir o JP na língua inglesa.

PO	-Tem dois homens aí fora querendo falar com a sinhá. - E o que querem? - Não sei, sinhá. Só sei que um fala uma língua esquisita e o outro é portuga. O portuga fica me dizendo: “Eu sou homem, eu sou homem”. Que ele é homem eu já vi. Imediatamente, a baronesa entendeu que o “homem” era “Holmes”.
IT	- <i>There're two men outside wanting to speak to ma'am.</i> - <i>What do they want?</i> - <i>I don't know, ma'am. I only know one of them speaks some funny language and the other is a Portuguese. The Portuguese keeps telling me "I'm home, I'm home". Does he think he lives here?</i> <i>Immediately, the baroness understood that 'home' was 'Holmes'.</i>

Após ser recepcionado pelo imperador D. Pedro II, com um almoço tipicamente brasileiro, no palácio da Boa Vista, a providência inicial de Sherlock Holmes a respeito da investigação do violino *Stradivarius* desaparecido é fazer uma visita ao imponente casarão do Cosme Velho, residência de Maria Luíza Catarina de Albuquerque, a baronesa de Avaré.

Acompanhado pelo doutor Watson, Sherlock Holmes é recebido às portas do casarão por uma das escravas da baronesa. A escrava, por não entender o sobrenome do detetive inglês, acaba trocando as palavras no momento de anunciar as visitas à sua senhora, causando assim um mal-entendido. Ela troca a palavra ‘Holmes’ por ‘homem’.

Durante a conversa particular do imperador D. Pedro II com Sherlock Holmes acerca do desaparecimento do violino, o imperador informa que a visita de Holmes já é do conhecimento da baronesa e que ela o aguarda no casarão. Desse modo, infere-se pelo contexto que o detetive, ciente de que já está sendo esperado pela baronesa, apresenta-se espontaneamente à escrava, utilizando simplesmente a forma ‘Eu sou Holmes’.

O JP se realiza por meio do confronto dos elementos ‘homem’, resultante do entendimento equivocado da escrava, e ‘Holmes’, sobrenome com o qual se apresenta o

detetive e que é ‘entendido imediatamente’ pela baronesa, provavelmente pelo fato de o estar aguardando.

A parte inicial do trecho tem a função principal de ‘preparar’ o leitor para a recepção do JP propriamente dito, e é traduzida levando-se em conta a recuperação semântica. O trecho será dividido em quatro partes com o objetivo de facilitar a análise contrastiva: (1) ‘Tem dois homens aí fora querendo falar com a sinhá’. (2) ‘E o que querem?’ (3) ‘Não sei, sinhá. Só sei que um fala uma língua esquisita e o outro é portuga’. (4) ‘O portuga fica me dizendo’.

A tradução para o inglês é (1) *‘There’re two men outside wanting to speak to ma’am’*. (2) *‘What do they want?’* (3) *‘I don’t know, ma’am. I only know one of them speaks some funny language and the other is a Portuguese’*. (4) *‘The Portuguese keeps telling me [...]’*

Embora se perceba a recuperação semântica dos trechos acima, observa-se que a palavra ‘portuga’, presente nos dois trechos, é traduzida para o inglês por ‘*Portuguese*’. É importante notar que a palavra ‘portuga’, embora se refira a ‘português’, não é utilizada com o mesmo sentido, especialmente no português falado no Brasil. ‘Portuga’ tem um sentido de certa forma pejorativo, conforme se observa em ocorrências da palavra no *Corpus* do Português (DAVIES e FERREIRA, 2006): “O culpado é esse louco desse *portuga*, asseverava outro, referindo-se ao motorista”. O Dicionário Online de Português (2009), ao tratar do significado da palavra, utiliza a forma: “portuga sm (der regressiva de português) *pej* Português” (grifo nosso), em que ‘*pej*’ é a forma abreviada de pejorativo.

Em inglês, os correspondentes mais próximos de ‘portuga’ são as palavras ‘*Portagee*’ e ‘*Portugee*’, e não ‘*Portuguese*’. O dicionário *online Wikitionary* (2013) apresenta a palavra ‘*Portagee*’ como referência pejorativa a uma pessoa de Portugal, e ‘*Portugee*’ como uma forma alternativa a ‘*Portagee*’. O *Corpus of Contemporary American English - COCA* (DAVIES, 2008) exhibe uma ocorrência da palavra ‘*Portagee*’ e oito da palavra ‘*Portugee*’. Cabe salientar que no romance *O xangô de Baker Street* há cinco ocorrências da palavra ‘portuga’. Dessas, uma é traduzida por ‘*Portagee*’ e quatro são traduzidas por ‘*Portuguese*’.

Embora a única ocorrência de ‘portuga’ traduzida por ‘*Portagee*’ apresente conotação mais pejorativa (até mesmo humilhante) que as demais, o que se observa é que todas as ocorrências (cinco) de ‘portuga’ no texto-fonte se inserem em contextos nos quais se pode identificar um tom sarcástico, ou pelo menos certo distanciamento e sentimento de superioridade do falante em relação ao personagem Sherlock Holmes, que é confundido com alguém de nacionalidade portuguesa. Confira o Quadro 1.

**Quadro 1** – Trecho do romance *O xangô de Baker Street* em que ‘portuga’ é traduzido por *Portagee*

PO	<p>Holmes afastou os guardas que ainda seguravam seus braços [...]                  - Tudo não passou de um mal-entendido. Quando o senhor chegou, eu já estava me apressando para liberar o senhor Holmes - desculpou-se, descaradamente, Pina Couto. Mello Pimenta nem deu-se ao trabalho de responder. Virou-se, juntamente com Sherlock, e ambos partiram rumo à saída, enquanto os presos, na cela, lamentavam-se jocosos:                  - Volta, lindeza!                  - Ai, que lástima! Oh, que pena!                  - Pensar que estávamos por conseguir uma <i>noivinha portuga</i>...                  (SOARES, 1995, p. 297, grifo nosso)</p>
IT	<p><i>Holmes shook loose the guards who were still holding his arms [...]</i>  <i>It was all just a misunderstanding. When you arrived, I was already on my way to free Mr. Holmes," apologized Pina Couto shamelessly.</i>  <i>Mello Pimenta did not deign to answer. He turned, with Sherlock at his side, and both headed for the exit, while the prisoners in the cell lamented facetiously.</i>  <i>"Come back soon, sweetheart!"</i>  <i>"Oh, what a pity! What a shame!"</i>  <i>"To think we almost had us a <b>fresh Portagee</b>...."</i>                  (SOARES, 1997, p. 229. Tradução: Clifford Landers, grifo nosso)</p>

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

As demais ocorrências de ‘Portuga’ são traduzidas por ‘*Portuguese*’, conforme se verifica no Quadro 2.

**Quadro 2** – Trechos do romance *O xangô de Baker Street* em que ‘portuga’ é traduzido por *Portuguese*

PO	<p>- Não sei, sinhá. Só sei que um fala uma língua esquisita e o outro é <i>portuga</i>. O <i>portuga</i> fica me dizendo: "Eu sou homem, eu sou homem". Que ele é homem eu já vi.                  (SOARES, 1995, p. 126, grifo nosso)</p>
IT	<p><i>"I don't know, ma'am. I only know one of them speaks some funny language and the other is a <b>Portuguese</b>. "The <b>Portuguese</b> keeps telling me, 'I'm home, I'm home.' Does he think he lives here?"</i>                  (SOARES, 1997, p. 93. Tradução: Clifford Landers, grifo nosso)</p>
PO	<p>- Viste quem está lá novamente?                  - Quem?                  - O <i>portuga</i>... à espera da mulata.                  - Então não sei? Já me perguntou mais de dez vezes a que horas terminava a peça.                  - Por que será que está todo de branco a essa hora?                  - Sei lá, coisas de <i>portuga</i>.                  (SOARES, 1995, p. 189, grifo nosso)</p>
IT	<p>"Did you see who's there again?"                  "Who?"                  "The <b>Portuguese</b>... waiting for the mulatto girl."                  "You think I don't know? He's already asked me at least ten times when the show was supposed to end."                  "Why do you suppose he's dressed all in white at this hour?"                  "I don't know, something the <b>Portuguese</b> do."                  (SOARES, 1997, p. 143-144. Tradução: Clifford Landers, grifo nosso.)</p>

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Não se identifica a razão pela qual o tradutor decidiu traduzir uma das ocorrências de ‘portuga’ por ‘*Portagee*’ enquanto as demais foram traduzidas por ‘*Portuguese*’.

A próxima frase da sequência traz em si o primeiro componente do JP propriamente dito. Esse componente sofre modificações no texto traduzido, com vistas à reconstrução do JP em inglês. Desse modo, a fala da escrava, a respeito do diálogo malsucedido com Holmes - (5) ‘Eu sou homem, eu sou homem. Que ele é homem eu já vi’ - é traduzida para o inglês por meio de uma adaptação e tem como resultado o seguinte trecho (5) ‘*I’m home, I’m home. Does he think he lives here?*’.

É possível observar que a palavra ‘homem’ (*man*), elemento constitutivo do JP em português, é substituída na tradução por *home* (casa). Essa substituição é motivada pelo fato de que o segundo elemento do JP, ‘Holmes’, permanece o mesmo nas duas línguas. Obviamente, se ‘homem’ e ‘Holmes’ concorrem para a elaboração do JP em português, o mesmo não aconteceria com *man* e *Holmes*, em inglês. Daí a opção do tradutor pela adaptação do primeiro elemento por meio do recurso à semelhança fonológica, o que possibilitou a formação do JP em inglês, com os elementos ‘*home*’ e ‘*Holmes*’.

Ao substituir a palavra ‘homem’ por ‘*home*’ (casa) na tradução, fez-se necessária também a adaptação da frase seguinte, pronunciada pela escrava: ‘Que ele é homem eu já vi’, a qual se tornou uma interrogação no texto traduzido para o inglês: ‘*Does he think he lives here?*’ (Ele pensa que mora aqui?).

Pronunciada pelo narrador do romance, a última frase do trecho explicita o JP: (6) ‘Imediatamente, a baronesa entendeu que o homem era Holmes’. A tradução para o inglês é: (6) ‘*Immediately, the baroness understood that **home** was **Holmes***’. A estratégia de tradução aplicada a este JP é comentada pelo próprio tradutor, que toca ainda em questões como a influência da relação vocabulário/época na decisão tradutória do romance *O xangô de Baker Street*, e na questão da mudança de sentido na tradução. O tradutor explica:

Em "A Samba", romance ambientado no Rio de Janeiro de 1886, quando o formidável detetive inglês chega para fazer uma visita, a ignorância de uma escrava da casa em relação aos sobrenomes ingleses se reflete em sua incapacidade de compreender a afirmação de Sherlock: "Eu sou Holmes", a qual ela entende "Eu sou homem, eu sou homem". "Que ele é homem eu já sei." É possível recuperar o humor na tradução? 'Eu sou homo' foi rejeitado imediatamente, não por razões de pudor, mas porque a gíria para homossexual não havia sido registrada até a terceira década do século 20. Daí, a inspiração (?): "I'm home" (estou em casa), o que permite à escrava

dizer: "Does he think he lives here?" 'Será que ele pensa que mora aqui?' O sentido vai, o humor (espero) fica<sup>19</sup> (LANDERS, 2001, p. 58).

Embora o tradutor chame a atenção para o fato da mudança de sentido do original com vistas à elaboração do efeito humorístico na tradução, vale observar que a referida mudança é parcial, já que somente a parte final do trecho (onde ocorre o JP em si) é modificada; e o tipo de modificação realizado permite que o JP seja reconstruído na tradução com o elemento utilizado na elaboração do JP original, isto é, a palavra 'Holmes'. Desse modo, os elementos que compõem o JP em português são 'homem' e 'Holmes', e em inglês os elementos são 'home' e 'Holmes'.

No texto-fonte, um dos elementos do JP é apresentado na segunda fala da escrava, que reporta à baronesa a expressão pronunciada por Holmes: 'Eu sou homem'. Entende-se que a intenção do autor é despertar no leitor as semelhanças gráfica e fonética entre as palavras 'homem' e 'Holmes', semelhanças responsáveis pela elaboração do JP. Contudo, o que se observa é que o JP só é plenamente construído por meio da fala do narrador, que põe em paralelo as palavras 'homem' e 'Holmes', ao afirmar que a baronesa entendeu logo que 'o homem era Holmes'.

No texto-alvo o JP parece mais explícito, posto que ao substituir a palavra 'homem' por *home* (casa), o tradutor cria um paralelo muito direto entre os dois elementos responsáveis pela construção do JP em inglês: *home* e *Holmes*. Isso porque, além da semelhança da forma escrita, há também a semelhança fonética, já que *home* \ 'hom\ e *Holmes* \ 'homz, 'holmz\ <sup>20</sup> têm pronúncias bastante semelhantes, conforme transcrição fonética.

Conforme se observa, portanto, a estratégia de tradução empregada coincide com o que Delabastita (1996, p. 134) classifica como JP → JP, ou seja, "o jogo de palavras do texto-fonte é traduzido por um jogo de palavras da língua-alvo, o qual pode apresentar algumas diferenças em relação ao jogo de palavras original, em termos de estrutura formal, estrutura semântica, ou função textual" <sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> No original: "In Samba, set in 1886 Rio de Janeiro, when the redoubtable English detective arrives to pay a visit, a house slave's ignorance of English surnames is reflected in her failure to understand Sherlock's 'I'm Holmes', which she hears as "Eu sou homem, eu sou homem." Que ele é homem eu já sei" ("I'm a man, I'm a man". "I already know he's a man"). Can the humor be salvaged in translation? 'I'm homo' was rejected immediately, not for reasons of prudery but because the slang term for a homosexual wasn't registered until the third decade of the 20<sup>th</sup> century. Then the inspiration (?) 'I'm home' struck, which allows the slave to say, 'Does he think he lives here?' The meaning goes, the humor (hopefully) stays".

<sup>20</sup> Neste trabalho, as transcrições fonéticas das palavras das línguas inglesa e portuguesa, inclusive seus nomes próprios, baseiam-se nos símbolos do Alfabeto Fonético Internacional, conforme tabela no Dicionário Inglês/Português-Português/Inglês, 3. ed., de Amadeu Marques e David Draper (1987).

<sup>21</sup> No original: "PUN → PUN: the source-text pun is translated by a target-language pun, which may be more or less different from the original wordplay in terms of formal structure, semantic structure, or textual function".



## 5 Conclusão

Este artigo, resultante de nossa tese de doutorado, teve como objetivo principal a análise do tratamento dado pelo tradutor ao JP *Homem/Holmes/home*, presente no romance *O xangô de Baker Street*, e apresentou um objetivo específico: verificar se as estratégias empregadas na tradução do JP recriam seus efeitos e sentidos na língua-alvo.

Ao final do estudo foi possível verificar que a estratégia usada na recriação do JP na língua inglesa foi a estratégia de tradução JP → JP (DELABASTITA, 1996), em que o jogo de palavras original é traduzido por um jogo de palavras da língua-alvo, podendo apresentar diferenças em termos de estrutura formal, estrutura semântica, ou função textual.

No JP em análise, observa-se que as mudanças ocorreram predominantemente na estrutura semântica, uma vez que o sentido de partes do texto foi alterado em inglês, com vistas à recriação do JP em si e do efeito humorístico. Por exemplo, a frase ‘Eu sou homem, eu sou homem’ tornou-se ‘*I’m home, I’m home*’ (Eu estou em casa, eu estou em casa). Desse modo, o JP em português elaborado com as palavras ‘homem’ e ‘Holmes’ adquiriu sentido diverso em inglês por meio das palavras ‘*home*’ e ‘Holmes’. Não foram identificadas diferenças na estrutura formal, exceto quando motivadas pela mudança de sentido (estrutura semântica), nem foram observadas mudanças na função textual, uma vez que tanto o texto original quanto a sua tradução (versão) se configuram como JP, cuja função textual de divertir, entreter etc. permanece inalterada.

Observa-se, portanto, que as estratégias usadas pelo tradutor permitiram reconstruir o efeito de humor na língua-alvo, mas não privilegiaram os sentidos presentes no JP original. Essa constatação permite confirmar a nossa hipótese inicial de que não é possível garantir, em todos os casos de tradução de JPs, que os seus efeitos e sentidos funcionem igualmente na língua-alvo.

Finalmente, conforme se argumenta no início deste artigo, estudos acadêmicos envolvendo a tradução ou versão de JPs são ainda escassos, especialmente na direção português-inglês (versão). Desse modo, espera-se que o trabalho possa contribuir com o debate na área, não apenas ampliando a discussão sobre estratégias de tradução de JPs e de humor em geral, mas, sobretudo, por fazê-lo com base no aparato teórico-metodológico da Linguística de *Corpus*, aqui defendida como abordagem relevante aos Estudos de Tradução.

## Referências

ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. **Traduzir com autonomia**: estratégias para o tradutor em formação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

ARROJO, R. **Oficina de tradução**: a teoria na prática. São Paulo: Ática, 2002.

BAKER, M. Corpus Linguistics and translation studies: Implications and applications. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Eds). **Text and technology** – In honour of John Sinclair. Amsterdam: John Benjamins, 1993, p. 233-250.

BAKER, P.; HARDIE, A.; McENERY, T. **A Glossary of Corpus Linguistics**. Edinburg: Edinburg University Press, 2006.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole, 2004.

BOWKER, L.; PEARSON, J. **Working with Specialized Language**: a practical guide to using corpora. London: Routledge, 2002.

CHIARO, D. **The language of jokes**: analyzing verbal play. London: Routledge, 1992.

DAVIES, M. **The Corpus of Contemporary American English** - 450 million words, 1990-present. 2008. Disponível em: <<http://corpus.byu.edu/coca/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português**: 45 million words, 1300s-1900s. 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: 28 jul. 2012.

DELABASTITA, D. The translator: studies in intercultural communication. **Wordplay & Translation**, Manchester, v. 2, n. 2, 1996.

KENNING, Marie-Madeleine. What are parallel and comparable corpora and how can we use them? In: O'KEEFFE, A.; MCCARTHY, M. (Eds.). **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. Oxon: Routledge, 2012, p. 487-500.

KENNY, D. **Lexis and Creativity in Translation** – a Corpus-based Study. Manchester & Northampton: St. Jerome Publishing, 2001.

KÜBLER, N.; ASTON, G. Using corpora in translation. In: O'KEEFFE, A.; MCCARTHY, M. (Eds.). **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. Oxon: Routledge, 2012, p. 501-515.

LANDERS, C. **Literary translation**: a practical guide. New York: Multilingual Matters, 2001.

MCCARTHY, M.; O'KEEFFE, A. Historical perspective: what are corpora and how have they evolved? In: O'KEEFFE, A.; MCCARTHY, M. (Eds.). **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. Oxon: Routledge, 2012, p. 3-13.

McENERY, T.; HARDIE, A. **Corpus Linguistics: method, theory and practice**. Edinburgh: Cambridge University Press, 2012.

PHILIP, G. Arriving at equivalence. Making a case for comparable corpora in Translation studies. In: **Comparable corpora in translation studies**, 2009, p. 1-13. Disponível em: <amsacta.unibo.it/2124>. Acesso em: 17 jan. 2015.

REDFERN, W. Traduction, Puns, Clichés, Plagiat. In: DELABASTITA, D. (Ed.). **Traductio**. Essays on punning and translation. United Kingdom: St. Jerome Publishing, 1997, p. 261-269.

REISS, K.; VERMEER, H. J. **Fundamentos para una teoría funcional de la traducción**. Tradução de Sandra Reina e Celia de León. Madrid: Akal, 1996.

SCOTT, M. **Wordsmith Tools 6.0**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

SOARES, J. **Twelve fingers**: biography of an anarchist. Tradução de Clifford Landers. New York: Pantheon Books, 2001.

\_\_\_\_\_. **O homem que matou Getúlio Vargas**: biografia de um anarquista. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **A samba for Sherlock**. Tradução de Clifford Landers. New York: Pantheon Books, 1997.

\_\_\_\_\_. **O xangô de Baker Street**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

STEWART, D. Conventionality, Creativity and Translated Text: The Implications of electronic Corpora in Translation. In: OLOHAN, M. (Ed.). **Intercultural Faultlines – Research Models in Translation Studies I – Textual and Cognitive Aspects**. Manchester & Northampton: St. Jerome Publishing, 2000, p. 73-91.

TAGNIN, S. E. O. **O jeito que a gente diz**: combinações consagradas em inglês e português. São Paulo: Disal Editora, 2013.

TOGNINI-BONELLI, E. Theoretical overview of the evolution of corpus linguistics. In: O'KEEFFE, A.; MCCARTHY, M. (Eds.). **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. Oxon: Routledge, 2012, p. 14-27.

\_\_\_\_\_. **Corpus Linguistics at work**. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

TOURY, G. What Is It That Renders a Spoonerism (Un)translatable?. In: DELABASTITA, D. (Ed.). **Traductio**. Essays on punning and translation. United Kingdom: St. Jerome Publishing, 1997, p. 271-291.

TYMOCZKO, M. Computerized corpora and the future of Translation Studies. **Meta – Translators' Journal**, v. 43, n. 4. 1998, p. 652-660.

VENUTI, L. (Ed.). **The Translation Studies Reader**. London and New York: Routledge, 2000.

VIANA, V. Linguística de Corpus: conceitos, técnicas e análises. In: VIANA, V.; TAGNIN, S. S. O. (Org.). **Corpora no ensino de línguas estrangeiras**. São Paulo: Hub Editorial, 2010, p. 25-95.

WIKITIONARY. 2013. Disponível em: <<https://www.wiktionary.org/>>. Acesso em: 03 nov. 2013.

ZANETTIN, F. **Translation-driven corpora**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2012.

Data de recebimento: 10 de janeiro de 2018.

Data de aceite: 8 de abril de 2018.